

SEGUNDA REVOLUÇÃO

E

TRIUMPHO DA LIBERDADE EM FRANÇA.

Os Portuguezes emigrados em Paris saudosos por ver seus queridos, e afflictos amigos de Portugal envião-lhes saúde, e boas novas de liberdade.

A casa de Bourbon cessou de reinar. Huma vez proscripta, ella o teria sido para sempre, se depois de imposta sobre a nação Franceza pela força das baionetas estrangeiras, não consagrasse os principios de huma justa liberdade na carta de Louis XVIII. Esta era o só titulo da sua legitinidade aos olhos dos Francezes. O ministério de Polignac veio excitar os antigos ódios, e lembrar os passados aggravos. Debalde a imprensa aconselhou o rei; debalde lhe fallarão os mandatarios do povo como bons e leaes deputados. O rei dissolveo a camara; mas a França consagrou o principio da reeleição dos 221, que votarão a respeitosa mensagem (adresse); e na nova camara o ministério se achou com 110 votos de maioria contra si, que na antiga era só de 40! Tal era a voz e sentença da França! Mas o rei obstinado não queria ouvir senão seus infames lisonjeiros. *A França não fallou, dizião elles; o rei he dictador, o rei não cederá;* e desgraçadamente para elles a França, que não foi ouvida pela boca de seus escriptores, pela dos deputados, e pela dos collegios eleitoraes, a França foi ouvida agora pela boca dos fuzis.

A França fallou nos dias gloriosos de 27, 28, e 29 de julho: a França foi ouvida; o rei já não quer ser o dictador; o rei já cedeo; e aquelle que ha pouco ameaçava os Francezes de montar a cavallo, esta apeado: abandonou os ministros, mas a cabeça d'elles não basta ao ódio publico, a França não quer hum rei perjuro, nem quer seu filho, nem seu néto! Debalde os antigos realistas, que tinham dito a verdade ao rei, ainda

agora buscárão de o segurar ás bordas do abismo; a compaixão do virtuoso amigo dos Portuguezes M. Hyde de Neuville, de Mortmartre, e Chatheaubriand foi-lhe tão inutil, como a espada do architraidor Marmont.

Huma só he a voz da França: *abaixo os Bourbons!* As camaras legislativas estavam convocadas para 3 d'agosto; e a 26 de julho apparecerão as *ordonnances* (decretos) referendadas por todos os ministros Polignac, Chantelauze, d'Haussez, Peyronnet, Montbel, Guernon, e Capelle, com data de 25; por as quaes el-rei abolia despoticamente as leis da liberdade d'imprensa, e das eleições; e dissolvia a camara dos deputados ainda não reunida. Era o mesmo, que chamar-se o rei constitucional, e ser *absoluto*.

A *Gazeta de França*, a *Quoditienne*, o *Drapeau Blanc* desaparecerão no dia do combate! E os jornalistas liberaes que proceder não tiverão tão differente e honrado? Nenhum d'elles reconheço a autoridade d'essas *ordonnances*, que abolião as leis; e assim sob a omnipotencia dos ministros, e quando hum só francez ainda não havia armado em defeza da patria, fizerão imprimir seus jornaes, como se taes *ordonnances* não houvesse; e redigirão hum protesto enérgico, que passará á immortalidade, assignado pelos redactores do *Tempo*, *Nacional*, *Globo*, *Correio Francez*, *Figaro*, *Constitucional*, *Jornal do Comercio*, e outros, no qual dizião como tendo o governo marchado na estrada da revolução, toeava a todos os Francezes desobedecer, e resistir; de que lhe davão primeiros o exemplo!

Os deputados, que se achavão em Paris reunirão-se nos dias 26, 27 e 28; n'este appareço o seu protesto. Desde a noute de 27 começou o fogo, e a revolução pelas praças e ruas. Mais

de 20,000 soldados se achavão em *Paris*. O povo estava desarmado; mas das praças, das ruas, das janellas, e das trincheiras fazia huma guerra crua e assoladora; o sangue corrêo em abundancia; porém dava novos espiritos aos defensores da liberdade. O dia 28 começou terrivel, não se ouvia senão o estrondo da fuzilaria, e artilheria. Depois de 10 horas a praça de *Greve*, a casa da camara, e a torre de *Notre Dame* estavam tomadas pelos patriotas, e ali fluctuava a *brndeira tricolor*.

A' huma hora da tarde o traidor *Marmont*, duque de *Ragusa*, á frente da guarda real, dos lanceiros, e dos *Suissos*, atacou fortemente os patriotas ao longo do cáes, e pelos *boulevarts*: o fogo era vivo e medonho, a resistencia obstinada, e todo o *Paris* hum campo de batalha: doze horas durou o fogo, mas os rebeldes forão obrigados a ceder, depois da mais cavalheiresca resistencia dos patriotas, e se acolherão ao palacio du *Louvre*. Mas as ruas e praças ficarão juncadas de cadáveres.

Nem hum só general se achava á frente do povo; e se algum havia, pelejava como soldado; que os trabalhadores erão os capitães.

A tropa de linha conservou-se neutral, e não quiz derramar o sangue de seus concidadãos: mas no dia 29 entregou-lhes as armas. O grito geral era: *viva a carta, e a linha!* Mulheres, meninos, velhos tudo combatia. Não ha expressões para descrever tanta coragem e virtude! As ruas forão todas cortadas, e as pedras do pavimento mudadas para dentro das casas, a fim de serem despenhadas sobre os rebeldes, se ali ou-sassem d'apparecer. Não ha quasi lugar notavel de *Paris*, que não fosse theatro de huma batalha ensanguentada, e de huma victoria do povo. Os velhos se admiravão de tanto valór; que a antiga revolução franceza não teve hum só dia de tanta gloria!

No dia 29 os deputados nomearão hum governo provisório composto do marquez de *Lafayette*, general *Gerard*, duque de *Choiseul*. O general *Lafayette*, hum dos fundadores da republica da America do Norte, o amigo do *Washington*, e o maior homem, que agora possui a humanidade; de 78 annos d'idade, he tambem chamado ao commando da guarda nacional, de que elle fora creador e commandante nos primeiros dias da antiga revolução.

O *Louvre*, e todos os mais postos forão toma-

dos á viva força pelo povo rei commandado por estudantes da escolla Polytechnica.

As autoridades rebeldes estão substituidas pelas nacionaes. No começo da lucta *Lafitte* á cabeça de muitos deputados foi ao duque de *Ragusa* pedir que poupassse o sangue dos cidadãos; e nem elle nem os Ministros o quizerão ouvir: e agora o rei propoem, e todas as suas propostas são rejeitadas; he que o sangue dos innocentes pesa sobre a sua cabeça.

As pratas e ouro do Arcebispo de Pariz forão lançados ao rio, donde o prefeito da Policia as mandou tirar. De 3000 francos dados ao filho do general *Lafayette* para distribuir aos trabalhadores; só a muito custo, e com muita difficuldade pôde distribuir 1000. Nem hum só realista appareceu a favor dos *Bourbons*. Nem hum só insulto se tem commettido, nem huma só casa foi violada. Agora houve mais coragem que na antiga revolução, e nem hum só de seus crimes!

A humanidade e coragem das senhoras de Pariz não ha palavras com que as dizer. Muitas fizeram fogo das janellas, e muitas se acharão mortas no campo da batalha; outras curavão os feridos, outras fazião laços tricolores; e todas a huma voz animavão os patriotas; *hide meus filhos, hide meus amigos! coragem!*

Huma subscrição a favor das viúvas, e filhos dos martyres da Patria está aberta: a condessa *Foy* sobscreeveo com dous mil francos. Entre as pessoas que morrerão achão-se alguns redactores do *Nacional*, e *Globo*: hum monumento vai ser erguido aos que morrerão pela liberdade; he o que estava destinado ao duque de *Berry*.

Todas as armas reaes tem sido lançadas por terra. Os jornalistas, deputados, e pares querem o duque d'*Ordeans*, e o povo segue a voz de seus chefes, e tem absoluta confiança no general *Lafayette*. O duque d'*Ordeans* foi proclamado lugar-tenente general, que vem a ser regente do reino. Já hoje (31) appareceu com o laço tricolor. As camaras farão uma nova carta que será dada pelo povo, e não pelo rei; conhecendo a soberania popular, e estabellecendo muitos artigos de boa liberdade, de que muito necessita a *França*.

O grito he unanime e geral em *França*; de todos os pontos do reino chegão novas de sublevação, revolução, e triumpho!! Muitos patriotas marchão sobre *Pariz* para partilhar os louros deste povo sublime. *Carlos Capelo*, outrora chamado *Carlos X.* fugio vergonhosamente. Delirando

accaba de pôr fóra da lei o duque d'Orléans. Fóra da lei está elle e em poucos dias estará fóra da França. Não se devem aos Parizienses de chamar homens mas divindades! Todos os estrangeiros aqui residentes invejão tal patria. Sem o socorro de soldados, nem de hum só estrangeiro são livres. Aqui são julgados pela mesma lei cobardes, e traidores.

Este movimento he Europeo. A liberdade parte do coração da Europa. Portugal, Espanha, e Italia seguirão este nobre exemplo. Senão nem Portuguezes, nem Hespanhoes, nem Italianos poderão pisar o glorioso solo da França!

Qual escravo ousaria apparecer no meio deste póvo divino sem lhe cahir as faces de vergonha? Portugal não será o derradeiro. Seus males são extremos. A catastrophe do Porto fez crer, que nós eramos cobardes: porque ella fez esquecer as victorias da Ega, dos Morouços, do Vouga, de Ponte Ferreira, de Val de Mendiz, de Guimaraens, e Tubosa. Mas os emigrados Portuguezes estão justificados: com o honrado general Quevedo Pizarro á sua frente destruirão em Braga os rebeldes; e abrirão hum caminho de sangue. Cabreira com 120 homens venceo 6000 rebeldes* Menezes e Vill-Flór com 200 voluntarios destruirão huma esquadra de 23 velas, e 5000 homens no dia sempre glorioso de 11 de Agosto de 1829. O conde de Saldanha e todos os outros Portuguezes, que atrevessarão o bloqueio da Terceira estão justificados. Mas elles ainda querem hir beijar o terreno sagrado da Patria, e regalo com seu sangue.

Aos Portuguezes, que estão na Patria, toca mostrarem-se dignos d'ella e imitarem os nobres cidadãos de Pariz. Huns não esperem pelos outros. General he quem vai na frente. O cidadão que salvar o estado he o consul; e a Rainha lhe deverá o throno.

Portuguezes são nobres, e cavalheiros; e ficallhes desairoso deixar no desterro sua Rainha, moça, e formosa, no verdor de sua idade. Inimigos são os que offendem com as armas: todos os mais são Portuguezes. He melhor morrer nos campos, que nos cadafalsos. Nós seremos com vosco. Mas mostrai que sois melhores do que nós outros, e nós vos daremos a direita. Os feitos que aqui obrarão mulheres, não temão lá de os emprehender os homens!

Viva a Carta! Viva a Rainha: ábaixo o tyrano.—Quem fór na frente he o general!

Pariz, 31 de julho de 1830.

P. S. O valente general Pizarro que devia partir no dia 31 do passado para o Rio de Janeiro agradece a seus compatriotas a honrosa felicitação que lhe dirigirão; e assegura, que por a presença de S. M. a Rainha, o offerecimento que lhe fazem muitos de seus leaes subditos, de todo o seu sangue em deffeza de seu throno, e da Carta. O general ignorava a ultima revolução de Pariz. o Conde de Saldanha offereceo os serviços dos bons Portuguezes emigrados em França em deffeza da liberdade Franceza. Hoje foi aberta a sessão das Camaras Legislativas.

3 d'Agosto de 1830.

* He engano, não foi o Brigadeiro Cabreira, mas sim o Coronel Torres, que tendo desembarcado no porto da Cidade d'Angra em 30 de Setembro de 1828, no dia 4 de Outubro do mesmo anno, commandou o Destacamento, que destruiu completamente os rebeldes no Pico Velho, vulgarmente denominado, Pico do Seleiro. O Brigadeiro Cabreira não sahio da Cidade de Angra no referido dia 4 de Outubro. Tudo que fica dito exactamente se prova pelo seguinte documento.

Illm. e Exm. Sr.—Tenho a honra levar ao conhecimento de V. Exa., que perto das 5 horas da tarde encontrei os rebeldes no Pico Velho

tras quartos de légoa distante da Villa da Praia, occupando tres fortes posições: forão logo atacados, e cinco minutos depois, verificarão a sua retirada em perfeita debandada, na direcção dos Biscoitos, pela estrada de Villa Nova. Consta-me que Almeida, e Moniz embarcarão na direcção do Porto Judão.—He do meu dever dizer a V. Exa., que he inexplicavel o bom comportamento de todos os individuos debaixo do meu commando. Os rebeldes deixarão sobre o campo alguns mortos, até dentro de casas, de donde fizeram fogo. Conto que ao romper do dia entrarei na Villa da Praia, aonde descancarei algumas

horas, e depois verificarei a minha contra-marcha pelos sitios, que julgar conveniente.—Já se reunião os Alferes Guedes, e Villares, assim como vinte e tantos soldados, que os rebeldes deixãõ abandonados na Cadeia da Villa da Praia. O portador d'este he o Snr. Juiz pela Ordenação da dita Villa, que póde dar a V. Exa. muitos esclarecimentos, que eu por falta de tempo deixo de referir n'este Officio.—Na Tropa do meu commando não houverão feridos, mortos, ou extraviados.—Deus Guarde a V. Exa. Campo junto da Villa da Praia 4 de Outubro de 1828 ás 10 horas da noite.—Ilm. e Exm. Snr. Deocleciano Leão Cabreira.—Joze Antonio da Silva Torres, Coronel de Cavallaria.

P. S. Nas posições apparecêrão mais de 2000 homens, segundo me dizem existia o duplo reunido na Villa da Praia.

Nomes dos Officiaes, que pertencêrão ao bravo Destacamento, que debaixo do commando do Coronel de Cavallaria 8, Joze Antonio da Silva Torres, destruiu completamente os rebeldes no Pico Velho, ou Pico do Seleiro, no memoravel dia 4 de Outubro de 1828, baze dos gloriosos acontecimentos, que depois se tem seguido na Ilha Terceira.

Batalhão de Caçadores N. 5.

Capitão, Joze Maria Taborda.

Tenentes, Antonio Joaquim Borges Bitencourt, Francisco Antonio de Sequeira, e Narcizo de Sá Nogueira.

Alferes, Miguel de Souza Guedes, Verissimo Joze Gonçalves, Luiz Antonio Esteves, e Antonio Manoel de Lobão.

Artilheria.

Major, Luiz Manoel de Moraes Rego.

2.^{os} Tenentes, João Moniz Barreto, e Joaquim Maria Pamplona: ambos do Batalhão da Ilha.

Milicias de Lagos.

Capitão, Bernardo Mendes.

Durante a existencia do Brigadeiro Cabreira, na Ilha Terceira, desde 8 de Setembro de 1828, até quasi ao meado de Março de 1829, o unico combate que teve lugar contra os rebeldes, foi o do Pico Velho, ou Pico do Seleiro; no supra dito dia 4 de Outubro; e no dia 30 de Novembro ás 5 horas da tarde, por ordem do dito Coronel Torres, huma das baterias do Castello de S. João Baptista fez fogo contra a Náu D. João VI., trazendo a seu bordo o rebelde Henrique de Souza Prêgo*, e Tropas de desembarque do usurpador; n'essa occasião estava o Brigadeiro Cabreira com hum destacamento de Caçadores 5, e Artilheria, na Villa de S. Sebastião, distante 2 legoas do dito Castello de S. João Baptista; eis-aqui a verdade do caso.

Ilha Terceira 18 de Outubro de 1830.

Angra: na Imprensa do Governo., 1830.